

Correio das Artes

Ano I Número 3 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 10-4-1949



MOCIDADE E PROVINCIA

LUCIA MIGUEL PEREIRA

NAS bancas de jornais, nos balcões das livrarias, nas mesas de trabalho, por toda a parte vamos agora encontrando novas revistas, revistas de gente Nova. Clã, Edifício, Orfeu, Nordeste, Região, Colégio, Quixote, Fundamentos, Revista Branca, Revista Brasileira de Poesia, Joaquim, Sul, Malazarte, Encontro, Agora, Panorama — peço desculpas se esqueci alguma — vão revelando nomes até há pouco ignorados pela única e suficiente razão de serem nomes de estreiantes. Não é, entretanto, por se comprem de moços que esses grupos de escritores parecem mais interessantes; afinal, com ou sem revistas, todos ou quase todos acabariam sendo conhecidos, entrando nos suplementos literários, conseguindo editores. E a mocidade, sendo, aí de nós, coisa efêmera, não pode constituir, nem em literatura nem em outra alguma, um valor permanente. O francês Jean Cocteau, que andou toda a vida à cata de originalidade, comparou, num acêso de autocritica, a busca de novidade à procura do lado fresco do travesseiro nas noites de calor; mui pouca nele a cabeça, logo o aquece. O mesmo se poderia dizer da juventude que se esgota apenas dela tomamos consciência, com a diferença para pior que não há o

que a faça voltar, nem por um segundo.

Não é, pois, por serem de jovens que essas revistas possuem uma significação de real importância. O que confere especial relevo ao seu aparecimento é o fato da sua concomitância e da sua dispersão. Mais ou menos no mesmo momento, moços de diversas zonas sentiram que se poderiam realizar sem sair de sua terra, que não precisariam vir para o Rio a fim de se imporem. Ficariam onde estavam, em Minas ou no Rio Grande, em São Paulo ou no Ceará, no Pará ou em Pernambuco, em Goiás ou no Maranhão, e de lá se fazem ouvir, tão bem quan-

to os seus companheiros aqui fixados, e de não menor atividade. As províncias não ultrapassam na capital, mas nem por isso se deixam por ela absorver. Esse ponto é que merece o maior destaque.

Não me parece, por quanto delas tenho lido, que essas revistas representem esboços de escolas literárias, que assumam uma posição renovadora no sentido de defenderem conceitos e normas divergentes dos que nos guiaram, a nós que já vamos no bairdo e inevitável meio do caminho. E' velha a imagem, mas como a coisa também é velha, e lembra o começo da velhice, vem aqui a pique. Ao

contrário, embora não sejam — e nisso só merecem elogios — idênticos aos que os precederam, os estreiantes de agora não vêm de lança em punho combater por princípios estéticos revolucionários. Podem atacar um ou outro escritor mais antigo — direito seu tão claro como o da defesa por parte dos visados, — mas não creio que o façam em obediência e nenhuma critério sistemático. São franco atiradores, e na sua liberdade de pensamento e de exame há de resistir a contribuição que deles esperamos. Talvez este ou aquele siga rumos novos, talvez se possa notar, no romance e no conto, uma tal ou qual reação contra o néo-realismo da nossa geração, e na poesia uma busca mais inquieta e ao mesmo tempo mais estrita de expressão, mas ainda é prematuro falar em tendências gerais.

A tendência, essa sim, bem marcada, que representam pelo simples fato de existirem, é a da descentralização da literatura. O Rio e São Paulo já não atuam como bombas de sucção, aspirando a grande, a imensa maioria dos elementos de valor, fato que poderá vir a ter uma esplêndida repercussão na nossa vida intelectual. Sem dúvida, de um ponto de vista puramente estético, pouco importa

P O E M A

O poema, com seus cavalos,
quer explodir
teu tempo claro; romper
seu branco fio, o cimento
mudo e fresco.

(O desêuido ficara aberto
de par em par;
um sonho passara, deixando
fiapos, já árvores instantâneas
coagulando a preguiça).

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

que a obra seja composta algures ou alhures. É a nossa experiência tem provado que escritores radicalmente presos às suas regiões muito bem as recriam e celebram de longe. Tal vez faça mais pelo Ceará depois que é carioca da ilha do Governador do que quando morava em sua terra.

Não é, porém, no caso individual de cada escritor que penso quando julgo imprescindível para o Brasil a descentralização literária, mas na força de expansão cultural — empregado o objetivo tanto no sentido comum, como no sociológico — que possuem os núcleos regionais de homens de letras. É também no esquecimento que daí provirá para a literatura como a nossa que se nutre sobretudo da realidade. Por que o certo é que somos um pouco de curta imaginação, e mais voltados para os aspectos exteriores das criaturas. Solvo raríssimas exceções, os nossos melhores livros sem-

pre evidenciaram a mais estreita relação com o meio. Apenas este aparece as mais das vezes nas suas características fronteiriças, isto é, tomado como o limite, o ponto de encontro entre a civilização européia que recebemos e as peculiaridades dos hábitos locais; e como em regra desse encontro, resulta a derrota dos mais fracos, da população anteriormente fixada na terra, o tom da nossa lição, desde CANAAN, tem sido o do desânimo e do pessimismo. Longe de mim censurá-la por isso, e pregar uma beata e cega admiração por este moço tão caro e desajeitado Brasil. Mas é possível que vista em si mesma, e não sempre em confronto com o que lhe vêm de fora, a nossa gente deixe de mostrar tão marcadamente os seus lados negativos. É para tanto é, creio, necessária a fixação do escritor em seu ambiente, o trato diário com os que lhe vão servir de modelos às personagens.

Falei atrás em fronteira, termo móvel com a coisa a que se aplica. Tomadas no sentido, não geográfico, mas moral, de confins da zona efetivamente conquistada por um certo padrão de vida, por determinadas idéias e preceitos, as nossas ainda se podem muito expandir. Continuamos a sofrer daquela colonização

à moda dos caraqueijos, presa à beira do Atlântico que frei Vicente do Salvador criticava nos primeiros povoadores. Ficando nas suas províncias, irradiando para o interior, os escritores poderão realizar não só grandes obras, como uma grande obra. É bom sinal que tal iniciativa parta dos moços.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

João Pessoa, 10 de abril de 1949

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

Aderbal Jurema A. Accioly Netto, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Trubuzi, Brito Broca, Carlos Romero, Celso Otávio Novais, Clóvis Assunção De Castro e Silva, Djalmar Menezes, Dilermando Luna, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, José Paulo Moreira da Fênseca, José Lins do Rego, Juarez Batista Lede Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Manuel Diégues Junior, Nice Figueiredo, Otto Lara Resende, Péricles Leal, Raul Lima Sosigenes Costa e Tulio Hostilio Montenegro.

ILUSTRADORES

Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thié, Cicero Dias, Helio Feijó, Hermanno José, Ladjane Pancetti, Santa Rosa e Zuleno Pessoa.

NOTA DA REDAÇÃO

PUBLICAMOS no número anterior deste suplemento, nesta mesma página, um retrato a bico de pena do poeta Alphonsus de Guimaraens, e que, por equívoco da nossa parte, o mesmo foi atribuído ao pintor Eros Gonçalves.

RESPOSTA A UM JOVEM POETA

A UM jovem poeta de Lisboa que lhe mandava seu livro de versos, Fialho respondia com o seguinte bilhete:

"Meu amigo. Acabo de ler seu livro artisticamente encadernado em percalina verde. Os sonetos estão impressos em ótimo papel e trazem graciosas vinhetas. Vem tudo almocorada por dentro e por fora. Desejo-lhe muito gênio e muita saúde".

UMA DE CHAMFORT

TRÊS coisas — costumava dizer Chamfort — incomodam tanto no moral quanto no físico, tanto no sentido figurado como no sentido próprio: o barulho, o vento, a fumaça.



TEATRO DO ESTUDANTE DE PERNAMBUCO — Flagrante colhido durante um dos ensaios de "Edipo Rei" que será encenada brevemente no Recife.

A FUGA

Conto de HAMILTON PEQUENO

O APITO da locomotiva repete-se inquietadamente. A janela descortina a perder de vista um cenário de campos verdejantes e montanhas azuladas que se recortam ao longe contra o céu sem nuvens. Sinto que a minha tristeza nunca há de passar. Não sei o que me espera. Não sei como viverei. A saudade das coisas, das pessoas que abandonei, viverá sempre ao meu lado. A tristeza daquilo que não há de voltar.

Um vento ligeiro agita-me os cabelos. Vem com ele o aroma dos cajueiros, nas longes manhãs, o sorriso de Anita, as macegas em flôr. Bons tempos de fartura que não se repetirão. A quebra de milho, a colheita do algodão sob um sol ardente, as canções e as conversas enchendo a manhã. Risos e gargalhadas, peles tostadas, mãos ageis dobrando os talos e recolhendo as espigas. O rosto de Anita, vibrante de mocidade, os cabelos soltos ao vento.

Procuo fugir às lembranças que me carregam para o que ficou atrás, esquecer a minha tortura interior. Tento pensar nos dias que me esperam, nas outras criaturas que irei conhecer, na nova vida que vou iniciar. Olho o canavial que beira a estrada, com os pendões prateados oscilando ao vento. Plantarei cana ou café, serei agricultor ou operário de fábrica. Sei que vou ganhar bom dinheiro. Nunca mais passarei privações.

As rodas gemem numa curva da estrada. Novo apito, que se prolonga dolorosamente em meus ouvidos. Luto obstinadamente contra as recordações que não me abandonam.

O CORPO moreno e agil de Anita tenta fugir dos meus braços.

— Faz isso não, Manuel. Olha que tu me magoa.

Sinto os seus seios duros contra o meu peito.

— Foi para isso que me chamou? Foi?

— Sabe que gosto de você, Anita.

Minhas mãos correm pelas

suas curvas macias. Uma carne rígida e tépida.

— Faz isso não.

Os protestos de Anita aumentam a minha ansiedade. Quero dominar o seu temperamento arisco, fazer com que perca o medo que tem de mim.

— Pensa que sou bicho?

— Não diz isso não, Manoel. É porque podem ver...

— Besteira. Quem vai nos encontrar aqui dentro do canavial?

O corpo de Anita torna-se dócil às minhas solicitações. Sua respiração se acelera. Ouço a sua voz trêmula:

— Manuel?

— Ahn?

— Isso não é pecado? O padre disse...

— Pecado é não fazer...

Seus braços envolvem-me o pescoço perigosamente, puxando a minha cabeça contra o seu peito. No sei o que quer dizer com esses fragmentos de palavras que não consigo entender. Um gemido vago e impreciso, e o rumor do vento na folhagem. Os dentes de Anita machucam-me as orelhas. A noite torna-se fria. Cresce o silêncio.

O VELHO que está ao meu lado mastiga um pedaço de pão de onde escapam fragmentos de carne. Noto o seu olhar desconfiado em minha direção. Tem medo que lhe peça um pedaço. Digo a mim mesmo que não hei de pedir. Não chegarei a esse ponto. Sinto o estomago doendo. Procuo pensar em outras coisas. Afas-

tar a lembrança do cucús de milho zarolho com leite, a farofa de gerimum com carne assada na grelha. Tento esquecer o sanduiche do meu vizinho. Há mais de seis horas que viajo e ainda não comi nada. Não posso fazer despêsa. O dinheiro que trouxe mal dá para comprar a passagem e pagar o hotel. O navio deve estar no porto amanhã. Lá terei o que comer. Nunca viajei a bordo, mas acho que não morrerei de fome. O vasio no estomago se acentua intoleravelmente. O velho come com pressa, quase sem mastigar. Lança-me olhares enviesados, enquanto lambe as pontas dos dedos lambuzados de graxa. Percebo que não está gostando da minha companhia e fico acabrunhado. Olho para fora obstinadamente e não vejo a paisagem. Tenho consciência somente da dôr aguda que me martiriza, da voracidade com que o meu vizinho devora o seu sanduiche.

FICO atarantado com as palavras do feitor, que veio acordar-me debaixo da chuva pesada:

— Seu Manoel, a agua do rio está subindo. Com pouco está tudo alagado.

— Que é que se pode fazer, João Feitosa?

— O pessoal já está trabalhando para ver se salva o gado. Mandei desocupar todas as casas da margem.

Durante um momento a minha desorientação conserva-

me parado, sem uma iniciativa.

— Precisamos ir lá, seu Manoel. Não temos tempo a perder.

Minha mãe aparece enrolada num chale velho, com o rosto sonolento e inquieto.

— Que é, seu Feitosa?

— Nada não. Somente a agua do rio que está subindo.

— Meu Deus, isso é castigo do céu.

— Vamos embora, João Feitosa.

Abro a porta e a chuva grossa precipita-se sobre o meu corpo. Ouço a voz angustiada da velha:

— Leve o capote, meu filho.

— Precisa não, mãe. Isso não vai servir de nada.

— Tenha cuidado Manoel, não vá se arriscar.

— Não se incomode, dona Marica. Ninguém vai morrer não.

OS trovões misturam-se aos gritos que vêm de todas as direções. O rugido da agua torna-se cada vez mais violento. A escuridão da noite é cortada de relampagos, e a chuva cai pesadamente, sem cessar. Estou com o corpo completamente molhado, com a agua a subir pelas pernas acima. A roupa encoada pesa como um fardo. Não posso mais esperar por João Feitosa. A agua já chega à cintura. Sinto a areia ceder debaixo dos meus pés. Grito ainda, fugindo à correnteza que quer me arrastar consigo:

— Feitosa! Feitosa!

Não ouço resposta alguma. Dentro da noite não consigo mais divulgar a sombra da casa de palha onde ficou tentando salvar a preta paralitica. Deixei as crianças na rampa e não é mais possível alcança-lo. Torno a chamar pelo seu nome e os meus gritos perdem-se nos rumores que dominam a noite. Um relampago ilumina a superfície das águas revoltas. Olho angustiado e não vejo o vulto do casebre de palha. No solo firme, fico sem saber o que fazer. Onde estará João Feitosa? Gotas de chuva correm ao longo do meu

RECADO A TEREZA

CELSE OTÁVIO NOVAIS

TEREZA você
De branca vestida e bolsa a tiracolo
Perna grossa, fina de revista americana
Sem meias Nylon
Tereza de passeios entardecentes
Tereza BÓA
Escusa duvidosa dando que falar
Tereza você
Que eu não sei muito bem como é
A sua alma de passarinho
Tereza a tôa
Como uma felicidade
Deixe o meu amigo em paz

rosto. Trovões demorados. Rumor da água crescendo soturnamente. Chamo novamente e não obtenho resposta. Vêm de longe gritos perdidos e desesperados. Que fim levou João Feitosa?

— Não se incomode, dona Marica. Ninguém vai morrer não.

NÃO quero lembrar. Tenho que esquecer as amarguras do que já passou. Devo pensar no futuro que me espera. Nos dias que irei viver.

O velho ao meu lado acende um cigarro e lança-me um olhar desconfiado. Apalpo os bolsos automaticamente. Não encontro nada. Se ao menos tivesse um cigarro talvez esquecesse a fome que me devora. Fugisse às recordações. O vazio do estomago torna-se intolerável. Meu vizinho fuma o seu cigarro, lançando-me olhares furtivos.

A POBREZA a que fiquei reduzido não encontra consolação. As plantações todas perdidas, as economias desbaratadas, uma tristeza enorme dentro do peito. Contemplo os campos desertos, onde o mato começa a crescer, numa verde exuberância que me desagrada. Estou sem vintem e sem energia para recomeçar com os meus próprios esforços. Planos e esperanças já não existem para mim. Anita procura arrancar-me à solidão, com a sua carne quente e moça, os seus carinhos envolventes.

— Pensa nisso não, Manoel. Tu fica doente de tanto pensar.

— Perdi tudo o que tinha, Anita...

— Deus há de dar mais.

— Mãe diz que foi castigo do céu.

— Foi tu quem deu a Espírito Santo o nome de Maguari? Foi?

— Não tenho mais nada, Anita. Somente dívidas que não sei como irei pagar.

— Deixa de pensar nisso, Manoel. Tudo se arranja, tu vai ver.

Sens labros e seu corpo convidam-me ao esquecimento. Epiderme macia e elástica que se arrepiia ao contato dos meus dedos. Entrego-me à onda suocante de emoções que fermentam dentro de mim. E preciso fugir à angustia que

me alucina, embora por momentos. Braços roliços e setinosos que me apertam.

— Não pensa mais não, Manoel.

Rodopiam as lembranças. Vem-me a consciência de uma quietude sem memória.

SOUBE que há bons empregos num Estado do sul. Todo mundo fala nisso e faz preparativos para ir embora. Dizem que não se conhece ali a crise da semente, da falta de enxadas, do sol inclemente ou das enchentes arrasadoras. Há boas oportunidades para todos, o dinheiro é fácil. Não se fala em miséria. Comecei a fazer uma plantação de algodão, com umas sementes que ainda me restavam. Vou precisar de dinheiro para a viagem. Estou decidido a não passar mais o próximo ano neste lugar. Minha mãe repete uma frase que começa a doer nos meus ouvidos:

— Isso é bananeira que já deu cacho.

Estou cansado de passar necessidade, cansado da minha tristeza, dos campos cobertos de vegetação. Os moradores foram embora, e não tenho braços para trabalhá-los. Quero viver noutro lugar, longe dessa paisagem que lembra os dias melhores de fartura, a época da colheita certa, com o sol queimando a pele, e o vento brando agitando as folhas. A queimada dos roçados, nas tardes de verão. Labaredas enormes, vermelhas e impetuosas. O crepitar das folhas cêcas, a fumaça densa subindo para o céu azul e belo. Juntarei o dinheiro necessário para deixar a terra onde tenho vivido. Ouço as histórias que me contam e faço os meus planos para a viagem.

VEJO lágrimas nos olhos de Anita. Uns olhos grandes e escuros.

— Manoel, não dá atenção a estas histórias que estão te contando.

Fico calado, sem poder fitar o seu rosto angustiado.

— Quer me deixar. Pensa que não estou vendo?

— Anita, você precisa compreender. Não podemos viver sem tostião, ~~na~~ quebradeira sem fim.

— Gosto de tu de qualquer jeito.

— Sei disso.

— E por que não fica junto de mim?

— Mas ficaremos juntos.

— Se tu fôr embora não vem me buscar.

— Voltarei, Anita. Mãe também ficará.

— Tu não volta não. Promessa de homem não tem valor. Quanto mais jura mais mente.

Enxuga os olhos na manga do vestdo. Segura-me a cabeça.

— Diz que não vai não. Diz.

— Eu não vou lhe deixar. Sabe que voltarei.

Anita começa a beijar-me desesperadamente. Seu pranto me comeve, mas continuo firme em minha resolução. Tenho que ir embora. Voltarei mesmo para vir buscá-la? Com a cabeça sobre o meu ombro, chora como uma criança.

— Não me deixa não, Manoel.

ANITA anda triste com os meus preparativos para a viagem. Emagreceu, e a palidez que lhe veio não é de todo desfavorável ao encanto que vejo nela. Invento despesas, quase sem propósito, com o fim de dispersar o dinheiro que vou reunindo. Segue-me pelas capoeiras, ajuda-me a colher o algodão, e quando me abraça é como se nunca mais viesse a encontrar-me. Sinto-me abatido e miserável por não poder tomar outra decisão, por ser obrigado a abandonar as criaturas que me estimam, o campo onde sempre vivi. Minha mãe também anda calada, arremando as coisas em silêncio, sem os seus habituais comentários. Noto que tem rezado muito, ultimamente. E não me pede para comprar velas como é seu costume. Fala com ela quando vem botar o meu jantar.

— Mãe, se quiser velas é só pedir.

— Quero não, meu filho. Você vai precisar do dinheiro.

— Eu arranjo mais. Não me faz falta.

— Precisa não.

Coloca uma fatia de cuscús no meu prato, torna a encher a xícara com café.

— Coma mais um pouco, meu filho.

— Estou sem vontade, mãe.

— Esse cuscús é novinho.

Fiz agora mesmo, para você.

Engulo um pedaço, somente para não deixar a velha mais inquieta. Sei que ela se preocupa comigo, com a aventura que me espera, com a vida dura que terá de suportar.

— Mancel?

— Diga, mãe.

— Anita gosta de você.

— Eu sei.

— Para que foi desenquitar a moça, meu filho?

Não sei responder. Fico olhando para o prato, machucando a pasta de milho com o garfo.

— Ela também é capaz de morrer de saudade, quando você fôr embora.

As palavras de minha mãe causam-me uma angustia que não consigo dominar. Sinto um aperto na garganta, tenho vontade de chorar. Ouço quando ela fecha a porta do quarto, para iniciar as suas orações. Desejo ir ao seu encontro, beijar-lhe o rosto enrugado pelo sofrimento, dizer-lhe que voltarei. E não faço um gesto. Continuo sentado fragmentando as fatias de cuscús que ela colocou no meu prato.

EM todas as estações repete-se a mesma cena. Pessoas apressadas que entram e saem do vagão. Mãos sujas mendigando uma esmola. Ruído de vozes. Laranjas entrando pelas janelas, num oferecimento. A fome torna-se uma obsessão que não posso controlar. Sinto tonturas, e não encontro posição certa para ficar no banco. O apito da locomotiva reativa a minha angustia dolorosa. Vejo crianças maltrapilhas à beira da estrada, acendendo para os vagões. Elas não precisam partir. Todas as tardes saudarão os mesmos vagões, olharão as cabeças que apontam nas janelinhas. A paisagem verde traz-me o rosto de Anita, seus carinhos e sua inquietação. Vejo a expressão torturada dos olhos de minha mãe, o seu desespero. Faço um esforço. E preciso não lembrar mais o que ficou. Amanha estarei a caminho de um novo destino, de uma vida cheia de surpresa. As rodas martelam os trilhos, num compasso regular e enervante. Olho para as montanhas distantes, sem saber se um dia, ainda voltarei a contemplá-las.

OS PONTOS DE VISTA DE ROGER CAILLOIS

BRITO BROCA

PARIS — Roger Caillois não estaria de férias, como todo mundo, neste verão tão umido e chuvoso? Foi com surpresa que lhe cruzamos os passos no vasto palácio da Unesco, onde ele tem seu "bureau". Tavares Bastos apresentou-se gentilmente em aproximarnos. Algumas palavras de cordialidade e tínhamos o encontro marcado na Unesco.

Fui pontual, pois neste Paris, de onde desertaram todos os escritores em férias, era preciso não perder a prosa. Roger Caillois recebe-me na sua sala de trabalho. É ainda bem

moço, tendo talvez mais o ar de um caixa de banco do que de um homem tão voltado á meditação e ao estudo; de um ensaísta sutil, cuja obra se vem fazendo toda de idéia e pensamento. Começa por falar algumas palavras em castelhano. Mas não será preciso continuar. Entender-nos-emos em francês. Esse prólogo em castelhano mostra-nos logo o homem familiarizado com a América hispânica, cujos países tem percorrido.

— A propósito, o senhor que visitou em missão cultural tantos povos sul-americanos que me dirá das

suas respectivas literatura? Roger Caillois hesita um instante.

— Em dois ou três traços, um detalhe marcante, uma impressão geral. Da Argentina, por exemplo, que influencias notou ali?

A CONTRIBUIÇÃO DA AMÉRICA DO SUL

— As literaturas latino-americanas têm vivido, naturalmente sob a ação de fortes correntes de influência europeia, mas a verdade é que através dessa influência, todas elas, pelo menos nos últimos tempos, começam a dar-nos a afir-

mação de um caráter próprio. A Argentina esteve muito tempo sob o bafejo francês; hoje o que mais se sente ali é o bafejo inglês. A novelística, principalmente, reunese, desenvolvendo sob o signo de James Joyce, de Huxley e Henry James.

— Poderá assinalar neste setor uma figura das que lhe pareçam mais originais e reveladoras?

Pois não: Jorge Luis Borges, um narrador de grandes possibilidades e profundo conteúdo psicológico.

— E quanto ao Chile?

— No Chile dá-se um caso estranho: não há propriamente ali uma vida literária fixada no solo, se assim me posso exprimir: seus escritores principais vivem, na maioria, fora do país, fazem sua carreira frequentemente no estrangeiro. Bem ao contrário do que se passa na Argentina e no Brasil. Poderia citar muitos nomes. Lembro um apenas: Marta Brunet, novelista de costumes campestres, exprimido bem a terra na sua obra, e, não obstante, permanecendo em terras estranhas.

— Acresce que os escritores chilenos seguem quase sempre a carreira diplomática e consular.

— Justamente, isso os leva para o estrangeiro, desarticulando o ambiente literário do país.

— E que me diz da Colômbia?

— Posui um grande meio literário. Poderia citar um nome ao acaso, como dos mais notáveis: Jorge Rojas.

— No contacto com tais literaturas, como igualmente com a brasileira, sentiu o senhor — escritor francês — o interesse que elas possam despertar na Europa, particularmente na França? Julga que delas lhes abrirá alguma contribuição valiosa?

— Veja bem — observa Roger Caillois — era



Ilustração de Lújano para o poema "Confissões ao amigo Rilke", de Aderbal Jurema a sair na REVISTA BRANCA.

nossa história literária temos presenciado vários fenômenos de renovação pelo influxo exótico. Em 1886, o romence russo renovou extraordinariamente as fontes de inspiração da nossa novelistica. Bem sabe o papel que representou o livro de Melchior de Vogue, concorrendo para essa vulgarização. Em 1930, fizemos a descoberta do romance norte-americano e, pon-do de parte a influência que ele tenha tido na subliteratura, alimentada, sobretudo, pela voga do cinema im-que, devemos reconhecer que daí nos adveio um pouco de sangue novo. Agora, começamos a descobrir as literaturas sul-americanas e acredito nos resultados fecundos desses novos contatos. Estou dirigindo atualmente uma coleção "Croix du Sud", em que serão editadas em traduções escrupulosas obras representativas de escritores da América do Sul. O primeiro a aparecer será o livro de Jorge Luis Borges, "Jardim de

los senderos"; depois virá "Casa Grande & Senzala", que Roger Bastide está traduzindo; em seguida "Capitães de Areia", de Jorge Amado.

— Não se lembrou de Graciliano Ramos?

— De certo, tudo virá a tempo. Preferimos, a princípio, as obras que pelo caráter típico mais possam despertar a atenção do público francês.

O EXISTENCIALISMO

Divagamos agora, Roger Caillois é desses espíritos inteligentes que sempre nos convidam à divagação. Vêm-nos a vontade de conversar, sem plano e sem método, sem o caráter convencional de palestra para a imprensa. E a conversa recai no existencialismo. Estranho como esse assunto que tanto rumor produz no Brasil já não pareça na França um tema muito vivo. Que pensa Roger Caillois do existencialismo?

— Oh! Nunca poderia di-

zê-lo, sem leviandade, assim, em duas palavras. Entretanto, acho que o assunto pode ser considerado sob três aspectos: Primeiro, o existencialismo escola filosófica, do qual não poderia tratar aqui, rapidamente, e que se divide, como se sabe, em duas correntes: a cristã e a atea. Depois, os escritores, a literatura, as criações artísticas, imbuidas das idéas da escola. Finalmente, o existencialismo, maneira de viver, que não passa de uma "moda" do bairro de Saint Germain des Prés, sem maior repercussão do que a curiosidade que desperta nos turistas. De qualquer forma, sinto a repercussão do existencialismo muito maior fora dos círculos literários do que entre os escritores. Aonde poderia chegar essa escola filosófica, não sei, já que ela pleiteia para o homem uma liberdade da qual ela não saberá utilizar-se, dada a negação de objetivos a que está condi-

cionada essa própria liberdade.

NEM UMA DIVERSÃO NEM UM COMPROMISSO

— Publicou o senhor há pouco um livro, "Babel". Poderá resumir sua idéia dominante? Trata-se de uma compilação de estudos ou artigos?

— Não. "Babel" é um ensaio com perfeita unidade na qual detendo a seguinte tese: não deve a literatura aparecer num quadro vazio, mas também não subordinar-se a nenhuma corrente política. Nem uma a-crobacia gratuita nem um contrato. — "ni un affiche, ni un jouet" — mas participar da obra da civilização, como uma ilustração dramática da mesma.

Não era preciso mais. Tinha eu ganho o meu dia. E me parecia muito difícil ganhá-lo assim nesta ocasião em que o encontro com um escritor em Paris constitui um verdadeiro achado.

Jacques Maritain em 1908

EM outubro de 1948, tomamos um apartamento na rua "des Feuillantines". Vera veio morar conosco, e desde então nunca mais nos separamos dela. Entre todos os designios de bondade da Providência para conosco não há nenhum tão suave quanto a presença contínua de nossa irmã junto de nós. Nem me é possível dizer tudo o que ela tem sido e é sempre para a sua querida irmã mais velha. Mas o que é certo é que sem ela eu nunca poderia ter enfrentado por muito tempo as dificuldades de toda espécie que estavam bem acima das minhas forças. Quão delicada e benfazeja para os seus e uma alma que só vive da graça de Deus.

Foi então que se levantou para nós a primeira questão grave de ordem prática. Chegara para Jacques o momento de ocupar uma cadeira de filosofia num dos liceus do Estado, direito que lhe era assegurado pelo seu título de agregado. Estávamos, no entanto, numa época de tremendo anti-clericalismo e Jacques com ou sem razão re-

ceiando não ter inteira liberdade para ensinar de acordo com suas convicções de cristão e de filósofo — de filósofo cristão se quiserem — renunciou à Universidade. Já não tínhamos, porém, dinheiro algum. Ainda que felizes por viver assim sem renda certa, tínhamos contudo de ganhar a nossa vida. Péguy ajudou-nos recomendando Jacques a um dos diretores da casa Hachette. A colaboração de um agregado foi muito apreciada e Jacques recebeu primeiro a encomenda de um "lexique orthographique", que ocupou ele e minha irmã, durante um ano inteiro. Isso foi para a minha irmã a aprendizagem de um secretariado que lhe deveria dar tanto trabalho futuramente. Veio depois a encomenda realmente assustadora de um "Dictionnaire de la Vie Pratique" que Jacques aceitou intrépida-mente, e no qual trabalhou durante três anos, ajudado, é verdade, por um grupo de colaboradores. Devo dizer que não conservou a lembrança de nenhum dos conhecimentos práticos que deveria ter possuído naquele tempo, em que nem o macramé nem as receitas de cozinha, nem a caça nem a pesca, nem o jiu-jitsu, tinham segredos para ele. Foi assim que estreitou na sua carreira de filósofo independente.

Esse trabalho teve no entanto a vantagem de deixá-lo numa inteira liberdade de espírito com relação aos problemas filosóficos que se levantavam para ele e de cuja solução dependia todo o futuro do seu pensamento. Fez-se assim possível um lento amadurecer durante o qual se foram precisando aos seus olhos as principais linhas de uma filosofia do ser e do espírito e também a convicção de que a verdade atingida num grau qualquer de realidade devia ser amiga e solidária da verdade de qualquer outro grau do ser. O anjo da Escola poderla agora revelar a sua presença a esse espírito silenciosamente preparado para receber a mensagem eterna da inteligência e da fé.

(Raissa Maritain, *As grandes amizades*, págs. 148 e 149).

ÉBRIO VÔO

MARIO LIMEIRA

VENHA A MORTE
ENXOTE OS ANJOS
NEGROS DA VIDA.

VENHA ME LEVE
AO LARGO MAR
BRAVIO E PURO
— SEM MARGENS.

ESPUMA E SAL

CONVERTAM ÁGUAS
EM VINHO E FÉ
QUE SALVEM O HOMEM.

VENTOS SOPREM
O SER ESTENDA
SEU ÉBRIO VÔO
DE ÁGUIA SÔLTA
SÔBRE AS ONDAS.

VENHA A MORTE!

Notas Sobre um Poeta

CARLOS ROMERO

LEIO O O ROSTO (Edição REGIÃO — Recife) do poeta Guerra de Holanda e entrou em contacto com uma das sensibilidade mais espontâneas da nova geração literária de Pernambuco.

Não encontrei nesse jovem artista do verso, nenhum artificialismo, nenhuma preocupação exagerada pela forma, nem pela técnica e sim, um espírito livre e que canta com muita naturalidade. O que o caracteriza é o modo simples de dizer as coisas, longe de qualquer recurso de retórica.

Guerra de Holanda, nesse seu segundo livro, aliás o único que tive o prazer de ler, mostra-se uma criatura muito fraternal, muito chegada aos que sofrem nos bastidores, aos que pululam nas sombras, sem um olhar de compreensão sem um aperto de mão amiga, carregando os seus dramas na mais triste das conformações.

Poeta sincero, Guerra de Holanda não faz da sua arte um instrumento de propaganda política, nem se volta para os infelizes a serviço de nenhuma doutrina, usando uma demagogia colorida e artificial.

A única paisagem que o poeta vê a paisagem humana.

O rosto de Zulmira é tão bonito
Que o resto de seu corpo sente inveja!

O seu caminho é o mesmo de Lenora. Mas é preciso um gesto para que Zulmira não se

Precisamos salvar Zulmira, hoje mesmo
Porque amanhã, talvez, já seja tarde demais. Muxilo!
Amanhã é um dia que pode não vir
E os olhos de Zulmira guardam saudades
De uma vida que foi sem pecados e sem sífilis
A vida das nossas irmãs que foram virgens!

TENHAM PIEDADE De mim revela muito bem o sentimento de humildade que envolve toda a substância poética de Guerra de Holanda. É diante do drama de Zulmira,

Vocês que são os meus últimos amigos,
Os que abstiveram os meus pecados e os meus crimes
Vocês que me ofereceram as suas casas e me levaram
Quando eu estava tonto de vinho e de sofrimento
Tenham piedade de mim
E vão buscar Zulmira por favor!

Sente-se-lhe um calor de humanidade, um profundo amor pelos que perambulam sem abrigo, esgueirando-se à margem da sociedade, como sombras assustadas pela luz. A história de Lenora, por exemplo, é uma história muito comum em nossos dias. É a história da mocinha que se prostituiu, da mocinha que zomba, da vida, e que passava pelas ruas, cheia de encanto:

Lenora tão nova
Passando de leve
Vestida de neve
Na loura manhã

O poema prossegue contando a vida de Lenora, as delírios de Lenora frente à fatalidade:

Lenora que fôra
Tão nova e tão loura
Perdida na rua
Na beira dos cais

Na rua noturna
As sombras da morte
Encontram Lenora
E ficam com ela
As sombras da morte

O poema que serve de título ao livro fala de uma Zulmira de rosto bonito:

perca. E sem nenhum brado de revolta, a voz do poeta se ergue em face do destino dessa criatura de rosto bonito:

De ele se volta para os amigos, os companheiros que sempre estiveram ao seu lado e que talvez sejam os únicos a compreendê-lo:

A poesia de Guerra de Holanda é cheia desse olhar de compreensão, dessa solidariedade ao sofrimento alheio. Vive muito perto dessa realidade noturna, desses personagens que passam quasi num murmúrio com receio de acordar as criaturas felizes e que jamais lhes escutarão as dores em surdina.

Sensibilidade à flor da pele, dono de um romantismo que foge à pieguice, ao lugar comum, o poeta de O ROSTO integra-se no drama humano, procurando conhecer-lhe os erros e os arrependimentos. Seus versos falam insistentemente num estranho "leitmotiv", na "procissão melancólica das prostitutas", no "desfile cotidiano das esperanças mortas", nas cicatrizes que reluzem em pernas ambulantes "como advertência tremenda aos homens incautos", e por fim, "no triste comércio das carnes vendidas".

Guerra de Holanda compoz

outros poemas que merecem destaque como CONVITE PARA O SOFRIMENTO, POEMA DA NECESSIDADE IMPRESCINDIVEL, MENSAGEM MUITO TERNA AO CORPO DE MARIA, BELEZA ESTRANHA POUSADA NA FACE e finalmente aquele poema O BATERISTA DO CABARÉ, onde ele narra a história de um pobre pastor protestante, homem que durante o dia prega o evangelho, mas que, à noite, é obrigado a ganhar o pão, numa orquestra de "bas fond". Seu Alexandre não se contamina com o vício daquela atmosfera em que

As mulheres de rostos cansados
[dos
Serpentes de lascivos colírios
Mostram os braços, os corpos,
[os seios...

Guerra de Holanda pode parecer a muitos um boêmio, um sensual. Entretanto, na minha opinião, trata-se de um poeta cheio de pureza.



Desenho de Carl Hoffer, expressionista alemão, que figurou na exposição conjunta no Museu de Arte de São Paulo.



ARQUIVO

JO

versos po
não esta
riam OS
João Cond

INÉDITO DE MACHADO DE ASSIS O CASAMENTO DO DIABO

(Fragmento de uma carta)
 Satan, que um dia a idéia
 De casar, que original!
 Queria mulher não feia,
 Virgem corpo, alma leal.
 Toma um conselho de amigo
 Não te cases, Belzebú;
 Que a mulher, com ser humana
 É mais fina do que tu.
 Cortou unhas, cortou rabo,
 Cortou as pontas, depois
 Sahio o nosso diabo,
 Como o heroe dos heroes.
 Toma um conselho, etc.

(Fragmento de uma carta)
 Casar era a sua dita;
 Correr por terra e por mar,
 Encontrou mulher bonita,
 E tratou de a sequestrar.
 Toma um conselho, etc.
 Elle quiz, ella queria
 Poseram mão sobre mão
 E na melhor harmonia
 Verificou-se a união.
 Toma um conselho, etc.
 Passou-se um anno, e ao diabo
 Não lhe cresceram por fim,
 Nem as unhas, nem o rabo...
 Mas as pontas, essas, sim...



DOS SEUS LIVROS PUBLICADOS
 CONSIDERA-SE IGNORANTE
 SUA FRUTA PREDILETA: LARANJA
 TRABALHA EM CASA.
 COSTUMA RESPONDER CARTAS
 JÁ GOSTOU DE FUTEBOL.
 COLABORA NO "CORREIO DA
 FANTIL" E TEM SEUS ARTIGOS
 ESTADOS.

GOSTA SEMPRE DA ÚLTIMA
 PUBLICOU SEU PRIMEIRO LIVRO
 GOSTA MUITO DE ESCREVER
 NÃO É SUPERSTICIOSA.
 DETESTA O JOGO.
 POETAS DE SUA PREFERÊNCIA
 GUSTO FREDERICO SCHLEGEL
 GOSTA DE BORDAR E COSER
 VAI À FEIRA TODOS OS DOMINGOS
 EM MATÉRIA DE RELIGIÃO:
 ROMANCISTA DE SUA PREFERÊNCIA
 SANTA QUE MAIS ADMIRA: SANTA
 PRESENTEMENTE ESTÁ ESCREVENDO
 PINTOR DE SUA PREFERÊNCIA
 GOSTA MUITO DE TOMAR CAFÉ
 ESPERA MORRER GOSTANDO

Lucas

LACAVEIS

NDÉ

asse os meus
o da poesia,
ção: resta-
ACAVEIS de
e Andrade.



PEREIRA

ACENA (MINAS GERAIS).
OS

LER
ANDAR A PÉ.

CORDA CEDO.
ZINHO.
QUINA.

ILETA: ROMANCES E ENSAIOS.
ALIMENTAR.

LETO: CUSCÚS PAULISTA E COUVE

ENPHIS"
M GATO QUE ADOTOU.
CHADO DE ASSIS".
MUSICA.

DO DE SÃO PAULO", NA VIDA IN-
ZIDOS EM VÁRIOS JORNAIS DOS

ZA", COM 29 ANOS.

DEIRA, CARLOS DRUMMOND, AU-
OURA.

ANÇA DO QUE FE.

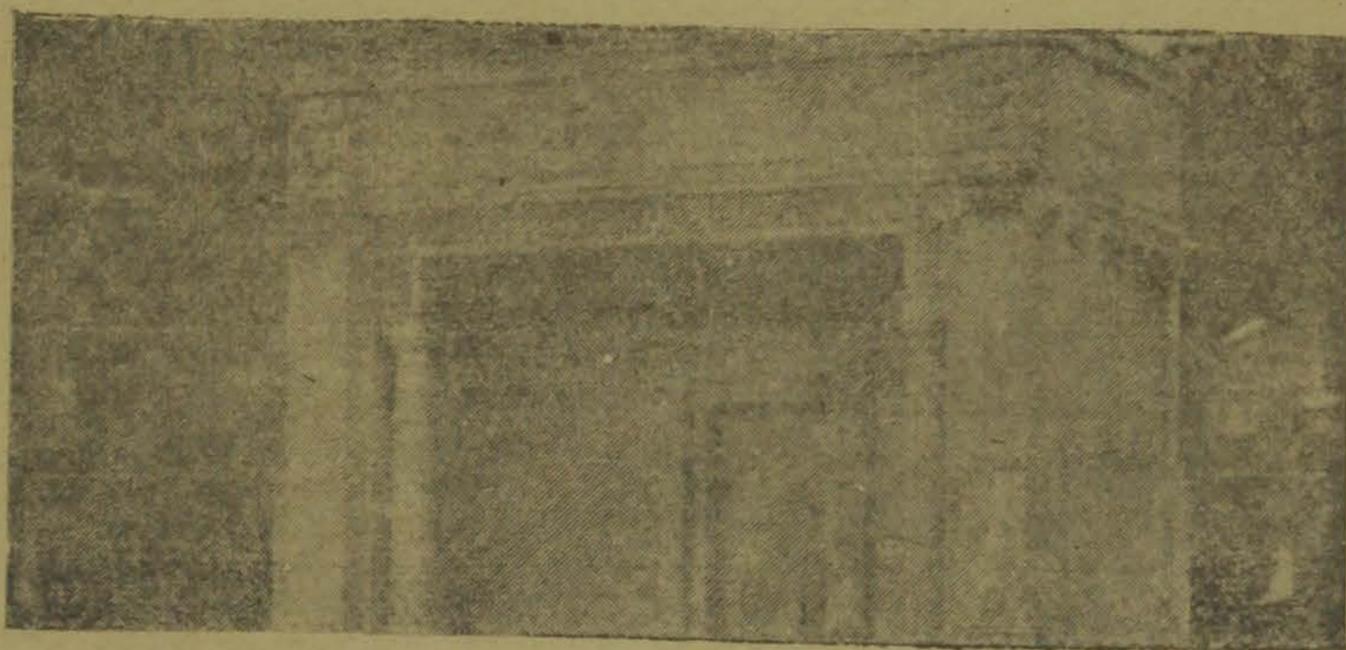
ADO DE ASSIS.

AVILA.

ANCE ("CABRA CEGA").

Pereira

MAUSOLEO DE CLAUDIO DE SOUZA (AINDA VAGO)



AMELIA

PERMITAM-ME, amigos leitores destes arquivos, que este colecionador também se aproveite do espaço e dê seus palpites e externar suas queixas. É verdade que a ninguém interessam as mágoas alheias, mas este aqui, vista é homem sentimental e bem precisa de conforto e de solidariedade.

Cento-vos como numa conversa de café e entre amigos as minhas desventuras, dores e desilusões. Há três semanas que minha apagada vida é bem digna de compaixão. Um remorso constante não me abandona e vejo-me como um criminoso. Talvez possa parecer apenas um falso caso sem importância ou pieguices do coração. Mas eu vos asseguro que é mesmo remorso.

Bem, direi o que sucedeu: involuntariamente matei de fome a minha Amelia, irrequieta patativa que na última viagem trouxe de Pernambuco, da minha provincia de Caruarú. Ora, sucedeu que costuma(va) todas as manhãs tratar do asseio da gaiola, mudar a água, colocar alpiste, e nos dias de feira no meu bairro, deixar também algumas folhas de alface. Da última vez, ao prender a irrequieta Amelia no seu cocho, a fim de que não fugisse, esqueci-me de soltá-la após a limpeza da gaiola. No dia seguinte, não ouvi como de costume o

seu canto. Estranhei. Fui verificar aquele silêncio. E então, de pés virados para o ar, estava morta a minha Amelia: o laço de união que ainda tinha aqui no Rio com a minha gente e com minha terra sertaneja.

Agora não ouvirei mais nas manhãs de sol o seu canto. A gaiola ficará vazia na tristeza da varanda cheia de sol. E para minha infeliz mágoa nem uma cova decente pode oferecer à minha patativa. Se ainda fôsse nos meus tempos de criança, poderia oferecer-lhe melhor morada. Poderia ir ao quintal do velho sobrado onde nasci e abrir um pequeno buraco. Depois de enterrá-la, colocaria na terra tofo e macia um galho florido de canafistula e todos os dias, durante muitas vezes, passaria pelo local recordando o amigo. Aqui neste apartamento, onde moro, fui obrigado a levar para a caixa do lixo do edificio a minha pobre amiga e deixá-la abandonada entre cascas de laranjas e restos de comidas.

Como vêdes, amigos, tenho meus motivos de queixas e de mágoas... Mesmo que adquirisse outra patativa, nunca seria como a minha Amelia, a minha querida e inesquecível Amelia...

Analise Social pela Literatura

DJACIR MENEZES

NÃO é meu intuito analisar a influência social da crítica de Eça de Queiroz — mas apontar, esparsadamente, as características e tendências que me parecem marcantes, capazes de explicar a formação do escritor sem as deformações acomodaticias que se notam em grande maioria de intérpretes. Um ponto importante é o do sistema de educação superior, que herdamos no Brasil.

Recebíamos da velha Universidade de Coimbra, no período colonial, os nossos doutores em leis. O maior deles — Cairú — formou-se naquele centro. Toda uma longa tradição estilizava em moldes arcaicos aquele ensino. Mas em torno das paredes do casarão, onde reinavam reitores austeros sopravam ventos mais salubres e irreverentes, capazes de espancar muitos azeijões medievais empalhados na peda-

gogia retrospectiva dos Barcelos e Cujacios, ainda citados e relidos, ao tempo de Eça, nos latinórios da catedral.

A Universidade parara enquanto o mundo se movia para frente. Para onde? Ramalho disse certa vez que saiam de onde "êles" estavam e iam para onde "êles" não estivessem. "Êles eram os que representavam a burocracia, a carta, o conservadorismo, o clero, o mundo oficial em suma.

Não havia, através de toda a crítica social dos dois escritores, uma compreensão científica, dos interesses e da evolução da sociedade moderna. Não conseguiram vencer as limitações de seu tempo e de seu meio: foram renovadores, ninguém o contesta, porque representaram o impulso intelectual para destravar o caminho dos destroços dos preconceitos

herdados do passado. Nada exprime melhor este estado de espírito, em face do ensino arcaizado, do que o folheto *Bom Senso e Bom Gosto*, de Antero de Quental: sua influência na formação mental de Eça foi imensa.

Sabe-se que a origem do panfleto foi a pendenga entre o velho Castilho, com sua corte literária em Lisboa, agasalhado na tradição e traduzindo Ovidio, cercado de bons mocinhos como Pinheiro Chagas — e o chamado espírito Coimbra, que a poesia de Antero revelava revolucionariamente. O fato, para nós, na perspectiva social, é apenas uma pretexto — quase uma futilidade. O que lhe amplifica a importância está nas condições ambientais que lhe deram ressonância.

O que estava em causa, na famosa "questão coimbrã", era o conteúdo social da própria literatura, reduzida, na pena purista de Castilho às superficialidades das imitações das imitações fradesca, deleite espiritual de alguns espíritos socialmente atrasados, — o culto da *palavra* em vez da *idéia*, "apóstolos do dicionário" tendo "por evangelho um tratado de metrificacão" tornando a "poesia o instrumento de suas vaidades". Assim pregava Antero; e prosseguia:

"Preferem imitar a inventar; e a imitar preferem a não traduzir. Repetem o que está dito há mil anos, e fazem-nos duvidar se o espírito humano será uma esteril e constante banalidade. São os enfeitados das ninharias luzidias.

"Põem os nadas em pé para parecerem muita coisa. São os ídolos literários da multidão que mal sabe ler. São os filósofos queridos da urbe que nunca pensou. São, enfim, gênios no Brasil, como v. excia."

A essa literatura insexual e amorfa, derramada na puerilidade das côteries

anódinas, aninhada nos clássicos latinos e gregos, alheia ao seu tempo e ao seu meio, — Antero contrapunha uma literatura de *pensée agissante*, impregnada das idéias e dos propósitos do século, quando o industrialismo alçava o colo nos outros países como Alemanha, França, já precedidos da Inglaterra. Muito curas porém, eram as condições sociais do velho Portugal. Faltava-lhe o público — o público receptivo, gerado no desenvolvimento econômico, a reclamar a expansão dos conhecimentos científicos.

Assim, aquela literatura que Eça havia de caricaturar magistralmente em vários momentos de sua vida de escritor, tinha também o seu papel a cumprir: o papel frenador, da resistência ao que é novo, horrorizando-se com o que "vinha de fora", — para poder continuar embalando o espírito na velha melopeia de uma educação literária pré-científica, feita do cozinhado de textos decrepitos. Outrora, os literatos e poetas mendigavam o caldo nas portarias dos conventos. Os funcionários do Estado, que se davam as letras, eram corteãos curvados diante da Coroa e da Igreja, temerosos de qualquer ato intelectual que pudesse desgostar essas duas potências. Não se pode mesmo aludir a cientistas, homens dedicados às investigações e análise da natureza ou da sociedade. O tipo representativo era o desembargador nutrido de história, de mitologia, de literatura clássica, de teologia.

As ciências da natureza, que despontavam e já frondavam, pela segunda metade do século XIX, em pleno evolucionismo — não encontraram cultores que ligassem o velho Portugal ao movimento moderno dos ideais e doutrinas que circulavam para além de seus muros. Invisível, continua-

(Conclui na página 12)

VILLA-LOBOS

DIRIGE A SINFÔNICA DE WASHINGTON

HEITOR VILLA-LOBOS tornou-se alvo de calorosas ovações por parte do público e da imprensa da capital norte-americana, ao reger, a convite, a Orquestra Sinfônica de Washington.

O compositor brasileiro dedicou grande parte do concerto à interpretação de suas próprias obras. Referindo-se a estas, o "Washington Post" disse o seguinte: "O concerto da Orquestra Sinfônica Nacional, em Constitution Hall, ultrapassou os demais na qualidade e quantidade do entusiasmo... O Sr. Villa-Lobos de tal maneira cativou o público com a direção de sua própria música, que aquele o aplaudiu com grande insistência. Motivou isso o reconhecimento de algo novo, de uma música original e cheia de individualismo, de incrível riqueza e dinamismo; motivou-o o reconhecimento de um concerto que se não poderá facilmente olvidar".

Outro jornal da capital norte-americana, o "Washington Star", rende também homenagem ao célebre compositor. Referiu-se ao fato de que a música de Villa-Lobos não somente deleitou o público de Washington como os novos oquinos na popular comédia musical, "Magdalena", executada na Broadway.

A Seção de Música da União Pan-Americana está terminando um catálogo das obras de Villa-Lobos, prefaciado de um estudo sobre o compositor, que se deve ao crítico musical brasileiro, Andrade Muricy. Compreenderá o catálogo uma relação cronológica da obra de Villa-Lobos, uma lista classificada, uma seção chamada Juvenília que incluirá as obras da juventude do compositor, e uma bibliografia. Esta constará não só de seus escritos sobre educação musical no Brasil como também do que tem sido publicado sobre o compositor. Completando o catálogo aparecerá uma lista das gravações musicais existentes da sua obra.

VARIAS

A BIBLIOGRAFIA de Castro Alves recebeu uma contribuição excepcional com a publicação da obra de H. Lopes Rodrigues Ferreira, mas de 1.300 páginas de texto e rica documentação iconográfica distribuída em três volumes de excelente apresentação gráfica.

Longe de limitar-se a repetir o que tem sido dito sobre o grande poeta, a compilar, a ampliar este detalhe e condenar aquele, a apenas "mudar o jeito de cingir as flôres no andor", conforme sua própria expressão ao considerar que o assunto Castro Alves foi esgotado por Afrânio Peixoto. O fato é que Lopes Rodrigues, também pesquisador devoto, trabalhou sob a emoção de um culto que se materializa na carinhosa posse de uma gravata do condoreiro, no manuseio de "seus melhores autógrafos, inéditos escritos de amadas dele, objetos domésticos, jóias, alfaias, efígies, pratos, louças, coisas que receberam seu hábito e a derradeira luz de seus olhos".

O estilo do novo biógrafo de Castro Alves é adjetivo em polido, mas com ele realizou, sem dúvida, trabalho de erudito, um vasto e profundo ensaio da vida e da obra poética do cantor dos escravos.

CANAIS E LAGOAS

AO seu publicado, há muitos anos, "Canais e Lagoas", de Otávio Brandão, foi considerado um livro clássico sobre a região lacustre de Alagoas com importantes elementos de estudo de geologia, mineralogia, climatologia e etnografia, recebendo os mais vigorosos elogios de autoridades, críticos e cientistas.

A editora Vitória lançará brevemente a segunda edição dessa obra que está a fazer falta nas estantes de geografias físicas e humanas do Brasil.

O LATIM AMÁVEL

PAULO RONAI não é só,

mente o profundo e e lúcido conhecedor da literatura de diferentes línguas: o anotador, já hoje clássico, de Balzac para a monumental edição brasileira. E' também um didata de primeira água, autor dos mais agradáveis compêndios de latim que já foram escritos.

Seus livros "Gradus Primus", "Gradus Secundus", "Gradus Tertius" e "Gradus Quartus" revolucionam o ensino de latim no curso ginásial, onde a matéria é considerada supérflua, superficialíssima, mente aferrada e cacetíssima, tornando-a coisa perfeitamente digna da inteligência humana e cheia dos atrativos que já se havia conseguido pôr no ensino de outros idiomas.

DE PARIS

O JORNAL ARTS, editado em Paris, traz extenso artigo de Germain Razin sobre o Serviço do Patrimônio Artístico e História Nacional. As mais elogiosas referências são consignadas àquele Serviço e a sua importância, propriedade e eficiência na salvaguarda de nosso passado artístico e cultural é assinalada com os mais extensos elogios.

"Recordações da Casa dos Mortos" é o romance do próprio Dostoievski

TERRIVEIS, dolorosas e trágicas circunstâncias levaram Dostoievski a escrever o romance "Recordações da Casa dos Mortos". Envolvido numa conspiração, o escritor foi condenado à morte. A 22 de novembro de 1849, com mais vinte e um companheiros, é conduzido ao cadafalso. O frio é intenso. Assim mesmo, tiram as roupas dos prisioneiros, deixando-os sem camisa. Segue-se então todo o ritual dos condenados ao fuzilamento: vestem-lhes a túnica mortuária; amarram-nos a postes em grupos de três; quebram espadas sobre as suas cabeças; os padres chegam; cada qual exprime a sua última vontade; os soldados carregam as fuzis e os tambores principiam a rufar.

Era tudo uma farsa, porém, que os pobres conspiradores desconheciam. Entretanto, o tsar comutara a pena de morte para a prisão perpetua, mas disso só se deu notícia no último minuto.

Vão os condenados para a Sibéria, para a "Casa dos Mortos". Lá permanece Dostoievski quatro longos anos, em contacto com cri-

ARPAD SZENES

ARPAD SZENES, que se fez conhecido em nosso meio durante os anos de guerra que aqui viveu como refugiado, expôs atualmente em Paris na Galeria Joanne Bucher, Boulevard Montparnasse. Arpad Szenes, pintor hoje de tendências abstratas, tem recebido críticas elogiosas em Paris.

TENDENCIAS DA PINTURA CONTEMPORANEA

O SR. René Huyghe, conservador do Museu de Louvre, pronunciou no dia 16 do mês passado, no auditório da Biblioteca Municipal, uma conferência sobre "Tendências da Pintura Contemporânea", patrocinada pela Aliança Francesa e Museu de Arte Moderna.

O conferencista fez, preliminarmente, um estudo dos antecedentes históricos, filosóficos e psicológicos que determinaram as várias manifestações pictóricas do nosso século.

Afirmou que os impressionistas estavam empenhados na pesquisa de uma realidade que a força dos trabalhos dos artistas que os seguiram, se viu

destruída. Entretanto, mais tarde, surgiu uma geração com propósitos contrários aos impressionistas: negar o real. Daí as duas correntes, a realista e a arrealista, criam o grande paradoxo da arte contemporânea: uma procurando a realidade acaba por destruí-la outra, destruindo redescobrim-na.

17 MIL CARTAS DE AMOR

JULIETTE Dronet e Victor Hugo amaram-se durante cinquenta anos, e nesse espaço de meio século, mantendo uma fidelidade exemplar, o escritor recebeu da amante nada menos de 17 mil cartas. A cifra é realmente espantosa.

U'A MANIA LITERARIA EM 1807

REFERINDO-SE à mania das conferências literárias que assolava a capital do Brasil em 1907, Bilac, na sua crônica da revista "Kosmos", perguntava: — "Qual será a mania predominante em 1908? Talvez seja a dança do ventre em o fakirismo ou os balões cativos ou os duelos ou os divórcios ou os suicídios em massa".

minosos de toda a sorte, desde o político ao mais réles malfetor. O romance é pois a história do presidio siberiano, da vida que nele se desenrola da sua administração, de seus temores, de suas alegrias e festas, dos homens nele enterrados.

Toda uma vasta galeria de tipos é descrita por Dostoievski. O livro não é, entretanto, um romance de revolta e de sofrimento — é sobretudo um livro de confiança no homem, de amor aos seres humanos. E' uma obra de otimismo cheia de renúncia e certeza da redenção.

Em 1881 faleceu Dostoievski. Era, então, uma glória nacional. Morte alguma terá sido mais sentida do que a sua: vinte mil almas acompanharam-no à sua última morada. Era o povo russo que seguia o seu fardo. Os personagens do autor, portanto, ali estavam a prestar-lhe a derradeira homenagem. A Rússia chorava a grande perda.

Tal é o romance que a "Coleção Saralva" incluiu como o 7.º volume da edição popular que com tanto êxito vem soltando no mercado de livros.

Letras Paraibanas

ADERBAL JUREMA

EM meio à movimentação dos suplementos literários da Metrópole e das províncias, a Paraíba estava como que esperando uma oportunidade para entrar de rojão. E é o que me ocorre diante do primeiro número do "Correio das Artes", suplemento literário de "A União" que obedece à orientação do poeta Edson Regis, atual secretário dêsse tradicional matutino paraibano.

Numa feição de caderno, um tanto parecido com o "Letras e Artes" do Rio, o "Correio das Artes" apareceu com uma força intelectual capaz de retomar a estrada das boas revistas da Paraíba, a começar pela velha e sempre lembrada "Era Nova".

A colaboração dos mais jovens escritores locais é um índice bem denunciativo de que a Paraíba não estava de todo ausente ao movimento literário nacional. O que faltava era, justamente, um veículo publicitário para novos talentos da terra de Lins do Rêgo, talentos jovens e audaciosos que estavam ameaçados de trefia gráfica. Graças ao novo suplemento eis que surgem Hamilton Pequeno comentando o romance de Mário Donato, Péricles Leal falando das Artes Plásticas em sua terra, Carlos Romero num conto cheio de poesia e muitos outros que não consegui identificar se são jovens escritores de minha terra ou de outras províncias.

Notei, no entanto, a ausência de alguns escritores mais velhos que, vez por outra, comparecerem às páginas da boa revista da Academia Paraibana de Letras, podendo lembrar de oitiva nomes como Celso Mariz,

Seráfico Nóbrega, João Lelis e o velho e arguto ensaísta Alvaro de Carvalho.

A propósito de velhos e novos escritores têm surgido por aí afora uma porção de comentários confusos que repetem sempre os desgastados argumentos da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Na verdade, a pureza e a legitimidade das idéias estéticas sempre foram conservadas pelos escritores mais jovens. São eles, na audácia dos vinte anos, os batadores dos caminhos das letras e das artes. Os velhos escritores nem sempre podem acompanhá-los nessa espécie de marcha batida para o futuro. Mas não se deve esquecer que êsses caminhos não são novos. Novos são o conteúdo humano que êles trazem dentro de sua alma de bandeirante.

No panorama atual da literatura brasileira, os bandeirantes do sul, com "Quixote" e "Joaquim" e os do norte com "Região" e "Clã", estão compreendendo que a luta não é de geração contra geração. Daí a esperança de que todos se unam não contra alguém ou alguma coisa e sim a favor do desenvolvimento da nossa consciência literária capaz de penetrar nos problemas dançados do tempo, como diria o nunca esquecido amigo Mário de Andrade.

E "Correio das Artes", na Paraíba, pelo geitão do primeiro número, será a flama da inteligência de todas as idades na terra que deu um Borges da Fonseca, para falar somente em um nome ligado ao movimento social mais comentado do momento: a Rebelião Praieira.

CULTURA Uma Realização

TULIO HOSTILIO MONTENEGRO

É IMPOSSIVEL não lembrar, quando temos à vista uma das novas publicações da Imprensa Nacional, aquelas outras que antigamente saíam com a mesma indicação de procedência. E se temos ao alcance ambas, a comparação ainda se torna mais expressiva, deixando ver o quanto progredimos, no terreno da apresentação gráfica. A revista "Cultura", cujo primeiro número está sendo distribuído pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação, é das que podem sem receio ser postas ao lado de qualquer outra do gênero, vinda do estrangeiro. A sobriedade e o desenhinho da capa, a paginação, as letras e os tipos escolhidos, as margens, a revisão, tudo, enfim, contribui para a harmonia do todo, deixando sentir o cuidado que esteve presente no acabamento de cada uma das partes.

Acontece, todavia, que nem só a apresentação material se destaca. O conteúdo é excelente, a seleção dos colaboradores (exceção feita de alguns nomes diante dos quais sinto erupções de pele) está digna de elogio e a matéria satisfaz ao gosto mais exigente. Para dar idéia da composição do volume temos que dividi-la em cinco partes, em conformidade com os assuntos, destinadas respectivamente a pensamento (arte, ciência, história e literatura), documentário, resenha bibliográfica e vária. Dentro de cada uma constam contribuições das mais acreditadas penas, entre as quais devemos destacar os estudos assinados por Eurialo Canabrava, Artur Ramos, José Honório Rodrigues, Gilberto Freyre, Antonio Houaiss, Otto Maria Carpeaux e João Augusto de Araújo Castro.

O nome do diretor — José Simeão Leal — não me é familiar, mas pressinto que se trata de alguém a quem se pode confiar algo, ou melhor, em cujo critério e bom gosto se pode descansar. Pois não se faz revista como esta sem entender do ofício. Gostaria de saber mais a seu respeito, mas o homem é avaro e cioso da própria tranquilidade. Não escreve, sequer a apresentação da obra. Deixa que ela fale por si mesma e seja julgada livremente, como quem sente que nada há a temer.

De qualquer modo, reivindico aqui o direito de dar, em letra de formã, a minha não solicitada opinião. Fiquei encantado com "Cultura". E gostaria que os donos do Ministério, entre os quais figuram alguns intelectuais de renome nacional, defendessem com unhas e dentes a continuidade da sua publicação, para que não venha a morrer cedo, como tantas outras revistas oficiais que experimentaram o vôo, embora com menor envergadura de asa.

ANÁLISE SOCIAL PELA LITERATURA

(Conclusão da página 10)

va a pesar sempre a atmosfera cheia de hostilidade ao que se alongava para além da órbita prescrita pelo espírito das tradições. E o Estado é o guardião desse museu.

Tôda nação vive do Estado" — escrevia nas *Farpas*, Eça de Queiroz. — "Logo desde os primeiros exames no Liceu a mocidade vê nele o seu repouso e a garantia de seu futuro. A classe eclesiástica já não é recrutada pelo impulso de uma crença: e uma multidão desocupada que quer viver à custa do Estado. A vida militar não é uma carreira: é uma ociosidade organizada por custa do Estado. Os proprietários procuram viver à custa do Estado, tendo seu deputado a 2\$500 por dia. A própria indústria faz-se proteger pelo Estado e trabalha sobretudo em vista do Estado..."

Velhos Livros e Autores Paraibanos

De CASTRO E SILVA

A Paraíba criou, no passado, e continua a fazê-lo no presente, uma pleiade valerosa de homens de espírito, que se dedicavam às letras, às artes, às ciências, à política, idealista e constitutiva, num desejo alavantado de, pelo seu saber e conhecimentos, elevaram o nome da província, lá longe onde se confundiam as auras e as alitisonâncias da inteligência brasileira.

A Paraíba também não procrastinava a sua colaboração ao desenvolvimento da cultura, enviando os seus filhos à Corte, ou o resultado de suas apuradas investigações no campo da inteligência querendo mostrar o seu permanente labor, em proveito do progresso e da civilização.

Preocupada, desde os primeiros dias com a unidade da pátria e a defesa do sólo, a Paraíba, pela formação de seus filhos, cada vez mais se integrava nos éles formativos da nacionalidade.

Construíamos a nossa província, como u'a parcela orgânica do Brasil.

Aquí se formavam os engenheiros; e, num exemplo de trabalho, disciplina, honra, liberdade e patriotismo, os nossos defendendo a integridade da terra, a linha das fronteiras, quando elas mais se definiam, cuidavam, outrossim, das letras e das artes, com a humanidade dos sábios e sem o pedantismo dos néscios.

Não o fazíamos por bisanatismo, mas nos entregávamos ao estudo com a paciência mediativa dos eruditos. Procurávamos, por todos os meios, adquirir e armazenar lições, recebidas dos maiores, que nos antecederam nessas lides do pensamento.

Tostados pelo sol deste Nordeste, que tem sido o motivo maior de nosso retemperamento moral, todos nós tomamos d'isso o nosso esforço e sacrifício em prol da terra comum porque jamais pensávamos no indivíduo, mas sim, no coletivo, numa consciência coletiva, numa realidade social do "grupo", nesse sentido sociológico em que enten-

ramos os agrupamentos humanos.

Na Província da Paraíba do Norte duas cidades se destacaram sem falar de Mamanguape: pelo alicerce cultural com que se haviam e deixaram, aos pósteos, uma tradição de sapiência como poucas es houveram entre nós.

As cidades de Areia e Cajazeiras o atestam e as suas publicações, seus collegios, suas sociedades, a ilustração de seus filhos, o demonstram num traço inequívoco de afirmação e grandeza cidadãs.

As lutas sociais e políticas, o esforço expansivo de sua gente, o prazer gremiativo de seus filhos e o desejo de difundir as boas idéias e os bons princípios, dizem-nos o que foram essas cidades, no passado, quando a sociedade era como que uma só família e o rudimentarismo dos costumes e o progresso não iam além dos primeiros ensaios...

Penetremos a vida dessas cidades, uma na serra, outra no sertão, e Mamanguape quasi no litoral, carreando a organização de um povo, que procurava viver e compreender a vida de todos os povos.

Até lá, num esforço tremendo e sobrehumano, chegavam as "novidades" literárias e as idéias em marcha, no mundo. Os seus filhos estavam em contacto com os espíritos mais brilhantes da terra.

Se se atrazavam, no tempo e no espaço, não lhes cabia a culpa porque era a deficiência de transportes e comunicações que retardava, de muito, a interligação da cultura. Nada, porém, os detinha.

E é, illos, num pensamento conjunto e uníssono, dando vigor ao espírito, no bandeirantismo cabóclo e audacioso das idéias.

Naqueles princípios de formação colonial, naqueles arremessos das gens, que se fixavam para a conquista da terra e o aparecimento da família e da sociedade, naquelles vagidos primeiros, quando tudo se lhes anteparava informe e confuso, o paraibano de Areia viu-se obrigado, — pela for-

mação do sólo que habitava, pela dificuldade de se abastecer a si mesmo, pelo difícil acêso à sua gleba — viu-se obrigado a ser o patrão e o mestre escola, o pastor e a autoridade, o homem e a lei, ao mesmo tempo...

Quando a família foi se tornando maior, quando os filhos chegavam à idade escolar, para aquele tempo, eram mandados, na sua maioria, ao collegio mais próximo, ou mais distante e melhor, conforme as posses de cada um, para o cultivo da inteligência.

E, depois, deviam ser padres ou doutores em lei ou em medicina, conforme a vocação dos pais ou o gosto da época...

Assim, tivemos os primeiros areienses ilustres trazendo para o convívio de seus conterrâneos as notícias mais novas de outros lugares e a vontade de ensinar-lhes o quanto haviam aprendido lá longe.

Em Cajazeiras, o mesmo fenómeno se dava. Já pelo contacto com os cearenses nas fronteiras, já pela distancia que separava a urbs da cidade menor, quer, porque a seca massacrava o filho da terra, obrigando-o emigrar além dos limites geográficos que se traçara quer, porque precisavam trabalhar e viver para o futuro, — as famílias davam aos seus filhos o mesmo destino das de Areia.

Surgiam, então, os padres e os doutores, naquela cidade sertaneja.

Edificavam-se collegios, logo mais, para que ficassem lá mesmo os necessitados de conhecimentos e de saber.

Por isso é que hoje, quando visitamos essas cidades, sentimos ainda as preocupações pela

arte e pelas letras e vemos o traço forte de seu preterito naquelas vopdas u. í ados queles collegios e sociedades, profanas ou religiosas, teatros e pequenos museus, jornais e igrejas, que resguardam todo o gesto de sabedoria de seus primeiros filhos.

Defendo-nos para olhar tudo isso que nos fala do passado; parando um pouco, para sentir a grandeza de uma época e o valor desses irmãos; surpresas com o muito que se fez quando quasi nada se possuía; alegres, por saber que ainda trabalham, aqui ou alem, os paraibanos novos que nos cercam; satisfeitos, porque trazemos dentro de nós a vontade de segui-los e o desejo de imitá-los, vamos dar à lume o trabalho e o valor intelectual dos espíritos que brilharam há seculos, em nossa Paraíba.

Não nos prenderemos a uma ordem cronologica e estatante, porem procuraremos ressaltar a estatura de cada um, no mundo da inteligência, e a obra literária ou artistica de quantos nos fôr dado apreciar.

Não nos preocupará, tão pouco, neste trabalho, a posição que hajam assumido na politica, mas tão somente a influência da cultura que podessem imprimir à sua época e à sua ou a outras gerações.

Desceremos à profundidade das minas se a tanto nos aprouver a necessidade do estudo, para retirar de suas galerias, escuras pelo acumular do tempo, as figuras mais preclaras daqueles paraibanos, que nos orgulham pelos seus méritos e as suas qualidades de homens superiores e exemplares.

Livro fundamental de Claudel

AINDA este ano deverá ser editado, em Paris, o comentário de Paul Claudel ao "Cântico dos Cânticos", que ele próprio considera como o seu livro fundamental.

Desde há algum tempo que Claudel vinha preparando o volume que na sua apreciação é um dos mais sérios e um dos mais bem pensados de quantos já publicou.

O CORREIO NA SERRA

MOVIMENTO LITERÁRIO EM CAMPINA GRANDE

LOPES DE ANDRADE

PROCESSA-SE, atualmente, na cidade serrana de Campina Grande, um acentuado movimento literário. A agitação das inteligências refluiu dos cursos de colégio recentemente criados naquela cidade e encontra apoio firme dos intelectuais já reconhecidos no meio local.

Vocações decididas para a poesia, como a de Raymundo Yasberck Asfóra e de Félix Araújo, impressionam fortemente a opinião culta da cidade, e suas primeiras produções poéticas já repercutem em Recife e noutras capitais nordestinas.

OS "CLUBISTAS"

PARALELO ao grupo de "novos" que vem surgindo das rodas colegiais, agita-se ainda em Campina Grande o pessoal do "Clube Literário", grupo que apresenta tendências acadêmicas e acadêmicas, de enamorados do naturalismo e do evolucionismo, e cuja literatura tem provocado reações dos tomistas e néotomistas locais.

E' figura central desse grupo o clubista Adauto Barrêto, um ensaísta de altas qualidades, seguindo-se-lhes os clubistas Zeferino Agra, Epitácio Soares, Cristiano Pimentel e vários outros.

A "LIVRARIA PEDROSA"

UMA curiosidade que o meio literário de Campina Grande oferece: os "novos" e os "velhos" da cidade se reúnem, em comum, às tardes na "Livraria Pedrosa", onde discutem seus conflitos de geração na maior paz e harmonia, irmanados todos pelo "slogan" — "Faça do livro seu melhor amigo" — lançado pelo livreiro José Pedrosa, proprietário da referida livraria e

um dos integrantes do grupo dos "NOVOS".

Ponto de confluência dos literatos, a "Livraria Pedrosa" mantém esta posição graças aos originais processos de difusão de livros do seu proprietário, que oferece em primeira mão os últimos "best-sellers" aparecidos no Rio, São Paulo e Porto Alegre, obtendo expressiva venda dos mesmos. No último bate-papo que ali tivemos o Pedrosa exibiu uma estatística de livros, comprados nos balcões de sua livraria: 410 volumes de "Escolhi a Liberdade", 340 de "Introdução à Sociedade das Sêcas", 280 de "Euridice", e a lista seguia por aí afóra, interminavelmente. A última "big" venda do Pedrosa preparada em vitrine especial, com artística exposição, está sendo o "Inglêses no Brasil", do Mestre Freyre, de Apipucos.

GRUPO DOS NÉOTOMISTAS

AINDA na cidade de Campina Grande, a segunda mais importante do Estado em movimento de cultura, esboça-se o aparecimento de um grupo de néotomistas, jovens egressos alguns do Seminário, outros admiradores de Maritain, propugnadores todos por uma nova orientação filosófica do Catolicismo, que tem sido chamada as vezes de "cristianismo autêntico". O seu meio de ação vem sendo por enquanto o magistério secundário.

São figuras destacadas do néotomismo campinense, integrado quasi todo por "novos": DURMEVAL TRI. GUEIRO, MILTON PAIVA, EVERALDO LUNA, JOSÉ FERNANDES DANTAS, e alguns outros. Apresenta o grupo forte emulação de idéias e seus representantes têm possibilidades de produzir uma neérgica literatura de reação contra as

tendências naturalistas e materialistas modernas.

REVISTA "PONTO E VIRGULA"

HA' ainda a registrar, por último, nas rodas literárias de Campina Grande, o súbito aparecimento do contestista pernambucano José Mucinic, que veio residir aqui e anda mobilizando os "novos" da cidade para a fundação de uma revista de cultura que se denominará "PONTO E VIRGULA". O Mucinic é pletórico, agitado, e tráz, à primeira vista, o gênio movediço de remotos ancestrais camito-semitas. Já conseguiu nuclear em torno de sua revista os poetas Raymundo Yasbeck Asfóra e Félix Araújo. Desenvolve atualmente atividades no sentido de obter o concurso de outros elementos locais para o primeiro número de "Ponto e Virgula", que circulará em abril próximo.

Frases e Opiniões

RAUL LIMA

MME. CAMILLE MARBO, antiga presidente da Société des Gens de Lettres escreveu, certa vez, num album: "Desconfiai da mulher que simula um sentimento falso, e não da que dissimula um sentimento verdadeiro". À Margem de um exemplar de *La Femme et le Pantin*, de Pierre Louys, alguém escreveu: "O hábito faz os falsos amigos e a ocasião os falsos amantes". Thomas Mann, impressionado com o papel da mulher na sociedade americana, dizia recentemente a um amigo: "A história de cada americano comporta três partes: é ele sucessivamente escravo da mãe, da mulher e da filha". Do dramaturgo inglês J. B. Priestley: "A mocidade e a velhice são as épocas da felicidade. Mas, quanto tempo, perdido de permissão!" Retificando o provérbio "Dize-me com quem andas...", Jean Cocteau disse, certa vez: "O que permite julgar seguramente um homem não é a companhia que ele frequenta, é a que ele recusa". Emile Bergerat criador do neologismo "tripatouiller" e que implicava solenemente com as modas que masculinizavam a aparência das moças, comentou, à vista de duas "garçonnettes": "A mulher é certamente depois do macaco o animal que mais se aproxima do homem". "A ilusão é uma eterna juventude, mas a juventude é apenas uma fugitiva ilusão" — palavras de Robert Shermood, revisor dos discursos de Roosevelt e teatrólogo de fama. Comentando, em palestra com um amigo, o "Prométhée euchainé", de Esquilo, disse Tristan Bernard que se esse livro fosse mais conhecido, haveria menos ditadores. "Mas vá pretender que essa gente saiba ler. Só sabe falar". Charles Morgan ofereceu à Biblioteca Nacional de Paris o manuscrito de sua *Ode à França*, divulgada clandestinamente no país durante a ocupação alemã. Por ocasião da cerimônia de entrega, um amigo perguntou ao grande romancista inglês como fazia expressar sua opinião verdadeira sobre os livros de que ele não gostava. E o autor de "A Fonte" respondeu: — Elogiar com exagero é também um modo de criticar.

O TESTAMENTO DE RODIN

(Conclusão da última página)

sentí, nem mesmo quando estiverem em oposição às ideias correntes e aceitas. Pode ocorrer que no princípio não vos compreendam. Porém o vosso isolamento será de curta duração. Breve chegarão amigos, pois o que é profundamente verdadeiro para um homem, é para todos.

Portanto, nada de gestos, nada de contorsões para atrair o público. Simplicidade! Ingenuidade!

Os mais belos motivos encontram-se diante de vós: são aqueles que conheceis melhor.

* * *

Meu muito querido e grande amigo Eugenio Carrière, que tão cedo nos deixou, demonstrou seu gênio pintando a sua mulher e seus filhos. Bastava celebrar o amor maternal para ser sublime. Os mestres são aqueles que olham com seus próprios olhos o que todo o mundo viu, e que sabe perceber a beleza do que é demasiado familiar para os outros espíritos.

Os maus artistas ferem sempre os olhos do próximo.

A grande questão é ser capaz de emoção, de amar, de esperar, de vibrar, de viver. Ser homem antes de ser artista! A verdadeira eloquência esquivava-se da eloquência, dizia Pascal. A verdadeira arte esquivava-se da arte. Eu tomou aqui o exemplo de Eugenio Carrière. Nas exposições a maior parte dos quadros não era mais que pinturas, os seus, no entanto, destacavam-se, como janelas abertas sobre a vida!

* * *

Aceitai as críticas justas. Recebê-las é fácil. São aquelas que confirmarem uma vida que vos persegue. Porém não vos deixeis abater por aquelas que vossa consciência não admite.

Não temei as críticas injustas. Elas indignarão os vossos amigos e obrigarão a refletir sobre a simpatia que vos dedicam e a solidificá-la quando discernirem melhor os motivos.

Se sois novos no exercício da vossa arte, não contareis no princípio além de um simples grupo de amigos e partidários, porém com uma multidão de inimigos. Os primeiros

trunfarão, pois, eles sabem porque amam; os outros, no entanto, ignoram porque são odiosos; os primeiros estão apaixonados pela verdade e recrutam sem cessar novos aderentes; os outros não demonstram nenhum apoio durável pela sua falsa opinião; os primeiros são tenazes, os outros giram a todos os ventos. A vitória da verdade está assegurada. Não perdei o vosso tempo em conseguir relações mundanas e políticas. Vereis, muitos dos vossos contemporâneos, chegarem pela intriga, à fortuna; estes não são verdadeiros artistas. Alguns deles são, sem dúvida, muito inteligentes e se vos puderdes a lutar com eles em seu próprio terreno, perderéis tanto tempo como eles mesmos, quero dizer toda vossa existência, e então, não restará nem um minuto para ser artista.

Amai apaixonadamente vossa missão. Não existe outra mais bela. É muito mais alta do que o vulgo crê.

O artista é um grande exemplo.

Adora seu ofício; sua mais preciosa recompensa é a alegria de haver procedido bem. Atualmente, persuade-se aos obreiros, por desdita sua, odiando e sabotando o seu trabalho. O mundo só será feliz quando todos os homens tiverem almas de artistas, isto é, quando todos sentirem o prazer do seu trabalho!

* * *

A arte é ainda uma magnífica lição de sinceridade.

O verdadeiro artista expressa sempre o que pensa, ainda mesmo que corra o risco de fazer tombar todos os prejuízos estabelecidos.

Deste modo consegue ensinar a franquesa aos seus semelhantes.

Imaginemos que maravilhosos progressos se realizariam instantaneamente se a veracidade absoluta reinasse, entre os homens!

Com que liberdade então a sociedade se desprenderia de seus erros e de sua fealdade francamente confessadas, e com que rapidez nossa terra se converteria num Paraíso!

(Traduzido por George Mattos)



Pancetti — AUTO-RETRATO

NOVO NÚMERO DE "NORDESTE"

ESTÁ anunciado para dentro de mais alguns dias o aparecimento da tradicional revista pernambucana "Nordeste", que obedece à direção dos srs. Esmaragdo Marroquim e Adenbal Jurema.

O programa da referida revista para o corrente ano, que foi iniciado com um número dedicado à Revolução Praieira, contará agora com uma edição dedicada à literatura.

"Nordeste" que apresenta sempre uma feição gráfica excelente, deverá receber, como das vezes anteriores, a aceitação que lhe vem sendo dispensada.

Nas páginas do mensário pernambucano figurarão trabalhos de nomes firmados nas letras nacionais, contando, ainda, com reproduções de quadros, ilustrações e desenhos.

Dorme a Loucura em Anfora de Vinho

SOSÍGENES COSTA

*Dorme a loucura em anfora de vinho
e a ilusão está dentro deste pôço.
Nunca a verdade esteve neste vinho.
Nunca a verdade esteve neste pôço,
nesta cisterna aberta no caminho;
nesta cisterna aberta no caminho.
A loucura é que dorme neste vinho.*

*Não ames a miragem lá do pôço.
Não ames a ti mesmo, passarinho.
Deves amar a um outro passarinho.
Não bebas a loucura neste vinho.
Foge deste pôço.
Foge deste vinho.
Que a mentira está dentro deste pôço,
e a loucura está dentro deste vinho.
Xô, passarinho!*

O Testamento de Rodin

JOVENS, que aspirais a Beleza, desejo que vos resulte grato encontrar aqui o resumo de uma larga experiência.

Amai devotadamente os mestres que vos precederam.

Inclinai-vos ante Fidias e Miguel Angelo. Admirai a divina serenidade de um, e a selvagem angústia do outro. A admiração é um vinho generoso para os noores espíritos.

Não tenhais ressentimento de imitar os vossos maiores.

Respeitando a tradição, sabeis discernir o que ela contém de eternamente fecundo: o amor à Natureza.

Esta é a forte paixão dos genios. Todos admiraram a Natureza e não a negaram jamais. Deste modo tereis a chave, com a qual podereis fugir da rotina. E' a própria tradição que vos recomenda interrogar sem cessar a realidade, e vos proibe também submeter cegamente a qualquer mestre.

Que a natureza seja vossa única deusa.

Nela, tende uma fé absoluta. Estejais seguros de que nunca é feia e limitai a vossa ambição, simplesmente em sê-la fiel.

Tudo é belo para o artista, posto que em todo ser e em toda coisa sua penetrante intuição descobre o "carater", isto é, a verdade interior que transparece debaixo da forma. E esta verdade é a beleza mesma. Entudai religiosamente e não podereis deixar de encontrar a verdade.

Trabalhai sem descanso.

Vós, escultores, fortificai o sentido de profundidade. O espirito se familiariza difficilmente com esta noção. O solo se representa distintamente nas superficies. Idealisai as formas em espessuras e deveis ras embaraçoso. Esta é sem dúvida a vossa tarefa.

Antes de tudo, porém, estabelecel nitidamente as formas e os "planos" das figuras que ireis esculpir. Aceituai vigorosamente a orientação que ireis dar a cada parte do cor.

po, a cabeça, os ombros, os seios, as pernas. A arte exige decisão. E' pela bem acusada fuga das linhas, que submergireis no espaço e que vos tornareis donos da profundidade. Quando vossos planos estiverem definidos, tudo terá sido feito. Vossa estátua vive, rá então. Os detalhes nascem e em seguida dispõem-se por si mesmo.

Quando modelardes, não penseis em superficie e sim em relêvo.

Que vosso espirito conceba toda superficie como o extremo de um volume que a empurra desde atrás. Figurai as formas como se estivessem apontadas contra vós. Toda vida surge de um centro, logo germina e se expande de dentro para fóra. Do mesmo modo, em toda bela escultura, advinha-se sempre uma potente impulsão interior.

Este é o segredo da arte antiga.

Vós, pintores, observai igualmente a realidade na profundidade. Olhai, por exemplo, um retrato pintado por Rafael. Quando este mestre representa um personagem de frente, faz fugir a linha do peito, e é deste modo que nos dá a ilusão da terceira dimensão.

Todos os grandes pintores sondaram o espaço. E' na noção de espessura que reside a sua força.

Recordai isto: não há linhas, só existem volumes. Quando desenhardes não vos preocupais jamais com o contôrno, sinão com o relêvo. E' o relevo quem rege o contôrno.

Exercitai-vos sem descanso. E' preciso extenuar-se no officio.

A arte não é mais que sen-

timento. Porém sem a ciência dos volumes, das proporções, das côres, sem a habilidade das mãos, o mais vivo dos sentimentos cae como paralisado. Quei seria do maior dos poetas em um país estrangeiro, cuja lingua ignorasse? Na nova geração de artistas há numerosos poetas que se negam a aprender a falar. E assim não fazem mais que balbuciar.

Paciência: Não conteis com a inspiração. Ela não existe. As únicas qualidades do artista são: prudencia, atenção, sinceridade e vontade. Cumpri vossa tarefa como honrados obreiros.

Sede verdadeiros, jovens. Porém isto não significa ser vulgarmente exatos. Há uma desenhavel exatidão: a da fotografia e a do calculo. A arte só poderá começar com a verdade interior. Que todas vossas formas, todas vossas côres, traduzam unicamente sentimentos.

O artista que se conforma com uma simples simulação e reproduz servilmente os detalhes sem valor, nunca poderá ser um mestre. Se houverdes visitado algum cemitério italiano, sem dúvida tereis notado com que puerilidade os artistas, encarregados de decorar os túmulos, dedicaram-se a copiar suas estátuas, os bordados, os encaixes, as tranças de cabelos. Pode ser que sejam exatos, porém nunca verdadeiros, posto que não se dirigem à alma.

Quasi todos os nossos escultores recordam os artistas dos cemitérios italianos. Nos monumentos de nossas praças públicas, não se distingue mais do que mesas, máquinas, globos, telégrafos, etc. Nada de verdade interior, nada, pois, de arte. Apartai-vos de tais vulgarizações.

Sede profundamente, ferocemente, verdadeiros. Não vacila jamais em expressar o que



Rodin.

O PENSADOR

Detalhe